

perigosa na qual se confundem biografias e ficções, histórias pessoais e mitologias reinventadas, experiências verdadeiras e sonhos impossíveis.

Se refletirmos sobre a produção pós-colonial da escrita de viagem, a combinação ficcional de História e Mitos do Império não se reduz à descrição de explorações, de conquista e observação relacionada a certos lugares. O conceito moderno de escrita vinculado ao de literatura de viagem vai mais além. Maria Alzira Seixo propõe pensar a escrita de viagem como configuração discursiva que interroga, hoje, os aspectos culturais e políticos do pós-colonialismo, especialmente o nomadismo, os acontecimentos migratórios, as novas configurações históricas (Seixo, 2000). Nessas páginas nos ocuparemos, brevemente, da relação que a escrita da viagem estabelece com o sentido do limite e da morte a partir do romance de António Lobo Antunes, *As naus* (1988). A própria escrita conhece e (re)conhece a si mesma como “insuficiência”, como discurso apórico. Na procura de resgatar e enfatizar os movimentos da memória, a escrita de viagem declara, por um lado, a necessidade do espaço literário e, por outro, a inconsistência de qualquer resposta de salvação dos naufrágios ficcionais.

As naus representa, com outros romances como, por exemplo, *Foe*, de J. M. Coetzee, e *Mongólia*, de Bernardo Carvalho, um dos paradigmas textuais das alterações que a literatura de viagem sofre em concomitância com o novo mapeamento mundial pós-colonial e a memória cultural que a esta neogeografização se relaciona.

Com *As naus*, Lobo Antunes escreve uma viagem de retorno. Não há nada de alegre e sereno nesse regresso à pátria. *As naus* traz para Portugal os colonos que foram chamados a viver e colonizar os territórios de Angola.

Os que regressavam consigo, clérigos, astrólogos, genoveses, comerciantes judeus, aias, contrabandistas de escravos, brancos pobres do Bairro Prenda, do bairro da Cuca, [...] formavam uma serpente de lamentações e miséria aeroporto adiante, empurrando a bagagem com os pés na direção de uma secretária a que se sentava, em um escabelo, um escrívão da puridade que lhe perguntou o nome (Pedro Álvares quê?), o conferiu numa

lista datilografada cheia de emendas e de cruzeiros a lápis, [...] e inquiriu de repente tendes família em Portugal?, e eu disse senhor não (Lobo Antunes, 2006, p. 14).

A viagem de volta é mais dramática e difícil do que a saída, cheia, talvez, de entusiasmo e de esperanças ridículas de novidades. Anula-se, assim, nesses personagens, o desejo de voltar a casa, que encontrou em Ulisses seu representante mais significativo. Trata-se, ao contrário, de uma viagem de regresso que desconstrói o sentido da viagem em si, para acolher uma metamorfose decomposta desse paradigma, como escreve Maria Alzira Seixo:

duas versões possíveis da viagem, que ultrapassa a da direção pragmática de ida e da volta, para alcançar uma dimensão múltipla, de chegada e apropriação e de partida e abandono, de penetração e de recuo [...] produzindo a sobreposição de atitudes e de valores que desarrumam uma axiologia estabelecida (2002, p. 171).

A sobreposição mais evidente é a hibridização de tempos diferentes, que a narrativa une e espalha pelo texto. Voltando à capital, por exemplo, o narrador enxerga uma mistura temporal que o deixa ainda mais perplexo:

passando por uma placa que designava o edifício incompleto e que dizia Jerónimos esbarrámos com a Torre ao fundo, a meio do rio, cercada de petroleiros iraquianos, defendendo a pátria das invasões castelhanas, e mais próximo, nas ondas frisadas da margem, a aguardar os colonos, presa aos limos da água por raízes de ferro, com almirantes de punhos de renda apoiados na amurada do convés e grumetes encarrapitados nos mastros aparelhando as velas para o desamparo do mar que cheirava a pesadelo e a gardênia, achámos à espera, entre barcos a remos e uma agitação de canoas, a nau das descobertas (Lobo Antunes, 2006, p. 12).

As caravelas que se dirigem, de regresso, para o porto de Lisboa questio-

nam a História: passado e presente são desafiados, e a viagem se transforma em um pesadelo kafkiano, grotesco, surreal. Se a viagem poderia permitir, como sua conclusão mais nobre, o autoconhecimento do sujeito, na proposta de Lobo Antunes, os viajantes (re)vivem a experiência da solidão e da exclusão. Os personagens, simbolicamente, se chamam com os nomes de grandes heróis lusitanos (Diogo Cão, Pedro Álvares Cabral e Luis Vaz de Camões, entre outros). Essa estratégia tem sido sugestivamente denominada por Maria Alzira Seixo de "per-versão" (2002, p. 172), uma versão que não entende desprezitar a épica de Camões, mas recicla os tropos épicos para atualizar o processo histórico e perceber como a literatura indaga e re-encaminha a História. Neste sentido, Leela Gandhi escreve: "the 'magic' of Antunes' novel relies on his replay of the disciplinary and ideological opposition between literature and history" (Gandhi, 2008). Os personagens desse romance antuniano, destronizados e desmitificados, são estrangeiros em pátria: sem documentos, sentem a realidade portuguesa terrivelmente estranha e alheia.

Lobo Antunes uses the heroes of the past to show the absurd conditions in contemporary Portugal, that is, the conditions of the Portuguese returned from the former colonies, and he demonstrates as well his critical attitude towards the existing traditional national discourse of history by introducing historical figures in the post-colonial context. He rethinks history in post-modernist terms by thinking, on the one hand, critically, and, on the other, contextually. The dethronement of the Portuguese national heroes is carried out by means of re-creating the mythical figures with qualities contrary to those they have in the traditional discourse of history. The traditional images of the national heroes are negated by means of inserting them in a ridiculous, absurd and insignificant existence, where basic human needs predominate. This is the case of for instance the character Luís who points directly at Camões. Luís appears as a foolish person, sitting in the harbour guarding his father's dead body (Ørom, 2008, p. 87).

Salvados e libertos de naufrágios, mas agora confinados em uma espécie de sanatório, um após o outro ficam doentes até se decomporem, na mesma atmosfera malsã que impregna a capital. O tempo do regresso – e da

doença – se mistura, constantemente, com o passado, em um jogo cínico e irônico, que representa um grito contra a História:

o primeiro amigo que fizeram na Residencial Apóstolo das Índias dormia três colchões adiante, chamava-se Diogo Cão, tinha trabalhado em Angola como fiscal da Companhia das Águas, e quando à tarde, depois da mulata partir para o bar, se sentava comigo e com o miúdo nos degraus da pensão a ver nas ripas dos telhados o frenesim das rolas, anunciava-me, já de voz incerta, bebericando de um frasco oculto no forro do casaco, que há trezentos, ou quatrocentos, ou quinhentos anos comandara as naus do Infante pela Costa da África abaixo (Lobo Antunes, 2006, p. 53).

A viagem termina com uma derrota e uma pergunta, dois impasses que desvelam tragicamente a inutilidade da viagem e a violência “sobre si” de qualquer movimento em posse do outro: “que fazer, agora? Ou antes: como refazer-se a si próprio numa situação nova, original, em cinco séculos de história volvida?” (Serrão, 1989, p. 34). A conclusão da viagem é o limite, isto é, a morte. É a morte o único bem que sobra também ao retorno da África do “homem de nome Luiz”. A urna que contém o corpo do pai representa o único afeto duradouro, embora sem mais vida. Se Luiz de Camões transita, assim, no duplo eixo temporal do século XVI e da violenta conquista angolana, a morte é a mesma sombra, a mesma passagem sofrida, a mesma questão sem resposta:

o homem de nome Luís habitava com o pai no Cazenga quando uma patrulha disparou sobre o velho, de forma que assim que os amigos do dominó lho trouxeram embrulhado em rasgões de lençol, só com uma madeixa de cabelo ruço de fora, o deixaram na toalha do jantar, em cima dos talheres e dos pratos, e se foram a discutir um dobre de seis, desceu ao beco até a agência funerária que uma granada rebentara, entrou pelos vidros estilhaçados da montra e escolheu uma urna no meio das muitas que sobejavam na loja porque os corpos se

decompunham nas praças e nas ruas sem que ninguém se afligisse com eles, salvo os cachorros vagabundos e os ladrões de farrapos (Lobo Antunes, 2006, p. 20).

Mediante os recursos paródicos e os deslocamentos temporais, Lobo Antunes descreve a especificidade da história portuguesa, que achou na viagem uma razão existencial e expansionista. As viagens se entrecruzam no romance de Lobo Antunes. A experiência das viagens para Oriente no século XVI é lida especularmente na fome “africana” do século XX. A partida de navegadores audazes e heróis nacionais, há cinco séculos, se mistura num contínuo presente, feito de crença na glória do passado histórico. Assim, a chegada e a partida são, de certa forma, a mesma desilusão. O retorno das caravelas e das naus parece determinar a repetição cíclica e cínica da História. Agora, trata-se de um movimento de descolonização que é dolorido, porque parece ter acontecido desnecessariamente. Nesse movimento a viagem chega a marcar as consciências dos navegadores: eles procuravam saída da pequenez geográfica portuguesa, iludindo-se nos sonhos infantis da conquista colonial, como lembra Eduardo Lourenço, com simplicidade e lucidez:

o Brasil, como a Índia durante uma época, como a África no final, acrescentavam-se, na imaginação do português cultivado (e por contágio nos outros), ao pequeno país para lhe dar uma dimensão mágica e através dela se constituírem como espaços compensatórios. Potencialmente um ‘grande país’ (como os célebres mapas que rebatiam Angola e Moçambique no espaço europeu) economizávamos o penoso dever de palpar a nossa pequenez” (1992, p. 41).

As naus fala de um Portugal adormecido e que, tristemente, se repete nas escolhas, sem avançar. “O que resta de tantas viagens, descobertas, partidas, naufrágios, epopéias e poetas é um grupo de tuberculosos que, sentados numa qualquer praia, olham o mar e esperam que dele venha a salvação nacional” (Ramos, 2001, p. 18).

As naus se apresenta como um relato que estratifica três níveis diferentes de narração. O tema da viagem como nomadismo, busca cognoscitiva, impulso

ontológico da existência se intersecta com um nível lingüístico-metanarrativo, enfatizado pela forma específica dos diários lidos, transcritos e apresentados ao leitor; a viagem se propõe uma tarefa que poderíamos definir "realista-política", porque põe em evidência o processo de compreensão-incompreensão cultural-antropológica que separa o mundo em blocos. As fronteiras representadas não são apenas imaginárias, senão que transmitem um impasse que coincide com a derrota de qualquer tentativa de aproximação do distante e desconhecido. O fracasso da viagem é visto n'As *naus* ao interno de uma tensão incessante, que não dicotomiza nunca, não enfatiza o "nós" em contraposição a um "eles" indefinido, mas tampouco sublima o estrangeiro, ou estranho. A linguagem antuniana mostra a marca da revelação trágica de uma civilização que influencia até o núcleo lingüístico-verbal. A cultura não é o produto de uma construção, senão, parece sublinhar Carvalho, de uma imposição que a viagem não purifica, nem possui esta intenção nobre e utópica. A viagem d'As *naus* é comparável a "the fascination of the abomination", como diria Joseph Conrad em *Heart of Darkness*. O encantamento pela *wilderness* coincide com a compreensão fatal de que a obscuridade está já na civilização e é um produto tentacular, porque se bifurca para fora, manchando o interno como o externo. É, portanto, uma experiência parecida com a narração de Conrad: "se a viagem devia ser alcançar o coração das trevas, é justo que se conclua lá onde havia começado: no coração da civilização, na metrópole do homem branco" (Sertoli, 1989, XV).

"O que o 'homem de nome Luis' observa – escreve Vanessa Castagna – é a inelutável desolação em que ele e os outros retornados se encontram depois de um vagabundeio que pode conduzi-los só a refugiar-se no mito, ou no sonho" (Castagna, 2004, p. 88). Nós pensamos que nem o mito, nem o sonho são estratégias suficientes para o refúgio dos viajantes de regresso. A operação antuniana envereda pela tragédia histórica e, ao mesmo tempo, pela mutilação da experiência positiva da viagem.

Lobo Antunes vê nesse relato de viagem o ponto de chegada do processo de colonização e de pós-modernidade, enfatizando, ao mesmo tempo, que o fim da aventura, poderíamos dizer citando Graham Greene, coincide com

o fim de qualquer experiência romântica da viagem. Não há viagem, porque não há mais possibilidade de conhecimento. Também acaba por ser necessário viajar e relatar sobre a viagem, isto é, empreender um discurso literário que tenha a viagem como modelo temático. O propósito de narrar, por exemplo, o vagabundeio, a *errância*, o desejo ansioso por uma vida nômade fora das constrações da vida e das regras da sociedade capitalista, é insuficiente; a prática econômica, a ditadura, a linguagem do Poder, as camadas misteriosas e rarefeitas da História não são senão lugares dominadores das consciências e dos juízos culturais. A viagem, em *As naus*, sai dos trilhos habituais de uma literatura positiva de conhecimento. Qualquer viagem revela que o único conhecimento possível é mostrar que a geografia se reduz a ou se constitui como um lugar de *darkness*, um espaço em branco, esvaziado de plena significação. O que se compreende é que a morte participa da escrita, porque a finitude é consubstancial à dinâmica escritural. Assim a viagem se torna alegoria de uma ficção que não pode ocultar este segredo e esta verdade negativa. A única dominação que a literatura possui é desvendar seu próprio território como tecido revelador de obscuridades e mortes.

A viagem, portanto, é destituída de todo caráter idealista. Não há nada de libertário e alternativo na vida dos viajantes. E se a viagem é o encontro com o Outro, com uma Alteridade misteriosa, que completaria o sujeito, uma operação que anula o monologismo, enquanto desejo de diálogo, essa potencialidade é bloqueada na proposta antuniana. Viajar para conhecer e conquistar resulta ser, no fundo, uma aparente tomada de consciência de não poder ter uma História livre do poder que rege as políticas nacionais. Lobo Antunes propõe uma desilusão do sistema odepórico, pois, obedecendo a estruturas fixas e a uma ineluctabilidade dadas pela realidade e pelo espaço vivido, o viajante não adquire aquela metamorfose mental e psicológica que faria da viagem a grande exceção da cotidianidade. O não reconhecimento da Alteridade, evidenciado por esses fatores, decreta a negação e a tragédia do ato da viagem.

O livro de Lobo Antunes propõe um novo olhar sobre o espaço, uma

nova consciência da inquietude e da mobilidade. Mas a própria mobilidade revela-se um fracasso, uma hipótese incompatível de significações. Como Bruce Chatwin, que descreveu a viagem como uma “anatomia da inquietude”, que despoja o sujeito do ser protagonista ou observador privilegiado, a literatura contemporânea se move entre espaços inquietos, tão móveis que não definem nenhuma geografia, nem a história, nem um pertencimento específico; são espaços sem fixação, sem pontos de apoio aparentes, localidades que passam do marginal ao conhecido, do desconhecido ao reconhecido.

Lobo Antunes traça um Atlas ao revés, no qual as fronteiras se diluem e se misturam, onde o local se universaliza simplesmente pelo gesto da literatura. No fundo, essa viagem de regresso corresponde, poderíamos dizer com as palavras de Marc Augé, a um “não-lugar”. Nesta constatação se reflete uma constatação de dupla natureza. É um não-lugar da geografia da terra, pois não está nem na terra de chegada, conquistada, nem na terra de origem, doméstica; mas, ao mesmo tempo trata-se de um não-lugar que a literatura se encarrega de “situar” ficticiamente.

A esta concepção do espaço, como lugar não definitivo e não definido, corresponde uma desarticulação da trama e da escrita: os narradores, com seus olhares subjetivos, visam a dissolver e alterar a representação ficcional. Não há mais um centro ou um destino. A viagem honra com o excêntrico, seus procedimentos advertem que o estrangeiro não é o outro, que nunca conseguirei possuir, mas sim o eu limitado que viaja para se entender, e que, ao regressar, observa a falência da própria história pessoal, a inutilidade de se entregar a um Ideal, um ódio para si e para o estrangeiro. Trata-se de uma lógica de *extraterritorialidade* que se subverte em um movimento para dentro, como se lê num fragmento de Julia Kristeva:

estranhamente, o estrangeiro habita em nós: ele é o rosto oculto da nossa identidade, o espaço que arruína nossa morada, o tempo no qual se fundem o entendimento e a simpatia. Para reconhecê-lo em nós, nos poupamos de ter que detestá-lo em si mesmo. [...] O estrangeiro começa quando surge a consciência de

minha diferença e termina quando nos reconhecemos todos estrangeiros, rebeldes aos vínculos e às comunidades (1994, p. 9).

As naus é uma narrativa pós-moderna na qual a viagem, como sujeito da ficção, desmonta o discurso odepórico porque o sujeito da viagem, o narrador-viajante, é também posto em discussão. A narrativa de viagem começa no momento de "novidade" do sujeito viajante. Já não é o exótico, o estímulo para a aventura de viagem, mas sim a perspectiva que o narrador segue para penetrar suas próprias fibras, ainda que consciente de que a busca possa mostrar, ao final, só limites humanos, e que o espaço e mesmo a viagem possam resultar meras demonstrações antropológicas. Se o problema é o outro, o é porque o estranho é o "eu". As culturas se revelam tão distanciadas que a viagem acaba por gerar frustração e sofrimento. Todo o aparato cultural, a partir da linguagem, ilustra o sentido profundo de "alteridade radical" (Krysinski, 2007, p. 193), uma "alteridade fundamentalmente inconhecível" (Krysinski, 2007, p. 184), como propõe Wladimir Krysinski. Trata-se de uma "dialética (que) relativiza o familiar, ao mesmo tempo em que questiona o estrangeiro" (p. 184).

Se, como Clifford constata, *O Coração das Trevas* constitui um "paradigma da subjetividade etnográfica" (...), podemos avançar hipoteticamente que a subjetividade etnográfica corresponde do lado do Outro o que se pode chamar de *alteridade etnográfica*. Ela é também uma construção relacional e pressupõe aquele jogo de ficções e de signos que o viajante-observador-escritor empreende necessariamente para estabilizar suas relações com o Outro. Este último é uma *construção*, um produto do viajante-escritor. Se a viagem é um *operador cognitivo*, ela cataliza os processos discursivos para construir a *alteridade etnográfica*, pano de fundo indispensável sem o qual nenhuma narrativa de viagens e, mais particularmente, nenhum discurso de viagem de nossa modernidade seria possível (Krysinski, 2007, p. 192).

Também a viagem em *As naus* é um operador cognitivo que constrói

o Outro como *procedimento ficcionalizado*, como uma “relativização de seu absoluto subjetivo como diferença”, poder-se-ia reafirmar, apoiando-se, novamente, no pensamento crítico de Wladimir Krsyinski.

As naus, ao prolongar a tradição da viagem histórico-filosófica na literatura, denuncia o relato de viagem como alegoria e problematização das fronteiras espaço-temporais que governam as culturas, as existências, as construções das alteridades. A fronteira se transforma, é superada, mas a paisagem à “outra margem” carece de ingenuidade e não elimina a própria fronteira, mas sim a relativiza, a mostra em uma diluição visível e manipulada.

O sentido da alteridade deduz-se então de construções narrativas e discursivas complexas, polivalentes, que exprimem o outro e os outros nas diferentes modalidades de sua participação numa coletividade humana, e frente aos outros. A alteridade é assim pensada como correlação da identidade numa relação inter-humana (p. 201).

Nesta multiplicidade de vozes e modalidades, a hipótese de um regresso apaziguado, é literalmente fora de discussão. Não apenas, o que implica o conhecimento do Outro, como solução do problema existencial, é posto em xeque. A viagem de regresso determina a impossibilidade de qualquer refração utópica, de qualquer *oscilação* de identidades, de qualquer solução de comunhão, após o trauma. A viagem foi um trauma, e o regresso é a descoberta de uma catástrofe que nem a literatura levanta do chão.

Referências

CASTAGNA, Vanessa. A representação de Lisboa em *As naus* de António Lobo Antunes. In: *Rassegna Iberistica*, n. 80, Università di Venezia, set. 2004, p. 79-88.

GANDHI, Leela. Acts of Literature: Notes on The Return of the Caravels. In: *Facts and fictions of António Lobo Antunes*. Portuguese Literary and Cultural Studies. University of Massachusetts, Dartmouth, 2008. Disponível em: www.plcs.umassd.edu/docs/plcs1516/gandhi.doc. Acesso em 10/08/2009.

- KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- KRYSINSKI, Wladimir. Discurso de viagem e senso da alteridade. In: *Dialéticas da transgressão*. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 181-202.
- LOBO ANTUNES, António. *As naus*. Lisboa: Dom Quixote, 2006.
- LOURENÇO, Eduardo. Psicanálise Mítica do Destino Português. In: *O Labirinto da Saudade*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- ØROM, Signe. "The Dethronement of Historical and Mythical Figures in Portuguese Novels in the Eighties and Nineties", 2007, p. 81-93. Disponível em: <http://congress70.library.uu.nl/>.
- RAMOS, Ana Margarida. A ficção de uma viagem de regresso à pátria. Um olhar sobre As Naus de António Lobo Antunes. In: *Revista da Universidade de Aveiro - Letras*, nº. 18, Aveiro, 2001, p. 7-18.
- SEIXO, Maria Alzira. *Os romances de António Lobo Antunes*. Lisboa: Dom Quixote, 2002.
- _____ (Org.). *Travel Writing and Cultural Memory. Ecriture du Voyage et Mémoire Culturelle*. Amsterdam: Rodopi, 2000.
- SERRÃO, Joel. *Temas da Cultura Portuguesa II*. Lisboa: Horizonte, 1989.
- SERTOLI, Giuseppe. "Nota introduttiva" a Joseph Conrad, *Cuore di tenebra*. Torino: Einaudi, 1989.